

An Institutional Approach to the International Transfer of Professional Education Students

Keila Moreira, Ph.D¹, Marcelo Camilo, M.Sc¹, e Helber Silva, Ph.D.¹

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Brasil
{keila.moreira,marcelo.camilo,helber.silva}@ifrn.edu.br

Abstract— *The process of transferring students between institutions of professional education is an open challenge for many educational institutions in the world. It is necessary to identify the administrative obstacles, the curricular differences of the technical education between the countries and the limitations of knowledge of different languages to favor the access, the stay and the success of foreign students. This paper presents an analysis of the process of transferring a foreign student from a technical institution in Argentina to our federal institution of technological education in Brazil, observing the administrative process, the student's enrollment and the conclusion of a school period. The results observed from the use of the content analysis technique showed that the experience gained favored the internationalization and interculturality of students and teachers of the institution, as well as revealing new possibilities for action in the sense of strengthening students' global citizenship*

Keywords- *International student transfer, Institutional internationalization, Interculturality*

Digital Object Identifier (DOI):<http://dx.doi.org/10.18687/LACCEI2018.1.1.273>

ISBN: 978-0-9993443-1-6

ISSN: 2414-6390

Uma Abordagem Institucional para a Transferência Internacional de Estudantes da Educação Profissional

Keila Moreira, Ph.D.¹, Marcelo Camilo, M.Sc¹, e Helber Silva, Ph.D.¹

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Brasil
{keila.moreira,marcelo.camilo,helber.silva}@ifrn.edu.br

Abstract— *O processo de transferência de alunos entre instituições da educação profissional é um desafio em aberto para muitas instituições de ensino no mundo. É necessário identificar os entraves administrativos, as diferenças curriculares do ensino técnico entre os países e as limitações de conhecimento de diferentes idiomas para favorecer o acesso, a permanência e o êxito de alunos estrangeiros. Este trabalho apresenta uma análise do processo de transferência de aluno estrangeiro de uma instituição técnica na Argentina para nossa instituição federal de educação tecnológica no Brasil, observando o trâmite administrativo, a matrícula do aluno e a conclusão de um período letivo. Os resultados observados a partir do uso de técnica de análise de conteúdo mostraram que a experiência adquirida favoreceu a internacionalização e a interculturalidade de alunos e professores da instituição, além de revelar novas possibilidades de atuação no sentido do fortalecimento da cidadania global dos alunos.*

Keywords— *Transferência internacional de estudante, Internacionalização institucional, Interculturalidade.*

I. INTRODUÇÃO

Este artigo trata da análise do processo de transferência de aluno estrangeiro da escola técnica IPET 66, José Balseiro da região de Córdoba (Argentina) para um de nossos campus no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Esse processo foi o primeiro que se tem registro no IFRN, pois desde 1996 a Instituição atende programas de mobilidade/intercâmbio de estudantes de várias partes do mundo, e realiza a validação de diplomas de nível médio de instituições correlatas de outros países. Porém, ter um estudante de outra instituição de ensino fora do Brasil, estudando como aluno regular, é algo que está sendo desafiador desde o início. Antes de continuarmos queremos deixar clara a opção de identificar nosso aluno que veio transferido como nosso aluno argentino, apenas para facilitar a compreensão dos aspectos que referem-se a ele e os distingue dos demais alunos, que chamaremos de alunos brasileiros que já estavam no campus desde o primeiro ano de estudo.

Todo o processo de transferência traz em seu bojo aspectos da internacionalização. Nesse aspecto, focamos em um dos conceitos mais usados para a internacionalização, a noção de “internacionalização abrangente” [1] de Hudzik, como “um compromisso, confirmado através da ação, para integrar perspectivas internacionais, globais e comparativas ao longo

das missões de ensino, pesquisa [...]” e a “internacionalização em casa” com base em Beelen e Jones [2], que propõem que “a internacionalização em casa é a integração intencional de dimensões internacionais e intercultural no currículo formal e informal para todos os alunos, dentro de ambientes domésticos de aprendizagem”. Assim, estamos tratando não só de adaptações no ensino pela perspectiva comparativa pela língua e conteúdos que trata a “internacionalização abrangente”, como também a integração intercultural no currículo informal e com possibilidades de propor inferências no currículo formal a partir dessa experiência inicial, pressuposto dos conceitos associados à “internacionalização em casa”.

Deixamos claro quais os princípios em que nos embasamos para internacionalização, uma vez que Hudzik, teórico da área, alerta-nos que uma das maiores dificuldades em se trabalhar, pesquisar ou se fazer a internacionalização está justamente nas muitas definições que surgem, assim [1]: “Uma grande dificuldade em discutir a internacionalização decorre de muitos termos usados (e freqüentemente usados indiferentemente quando não são) para rotular o conceito - por exemplo, “Internacionalização do ensino superior”, “Internacionalização do campus”, “Globalização do ensino superior”, “Internacionalização abrangente”, “Internacionalização do currículo e aprender”, para citar alguns.

As teorias que tratam a internacionalização indicam que é um conceito muito abrangente em seus aspectos conceituais e operacionais para poder dar conta de várias dimensões possíveis, podendo ser usada como uma política de gestão para uma instituição, um programa, um setor, por profissionais no exercício isolado de suas ações de ensino, um departamento, dentre outros. Isso significa que não há uma única possibilidade ou forma de se envolver ou desenvolver ações de internacionalização, pois isso vai variar de acordo com os objetivos propostos pelo grupo que vê na internacionalização desafios e oportunidades e com os pontos de partida. O principal foco se dá como a “internacionalização abrangente” irá trazer mudanças para um determinado grupo de indivíduos. Desse modo, a internacionalização não será um fim a ser alcançado, mas um instrumento que favorece vários atores para se alcançar diferentes objetivos que ela permite: “Não só a internacionalização é um meio em vez de um fim, mas os fins pode variar de instituição para instituição e a abordagem particular para a internacionalização escolhida depende dos fins que estão sendo perseguidos.” [1]. Além desses aspectos elencados por Hudzik, voltados para o ensino superior, acrescentamos que o mesmo ocorre em nossa Instituição, que

abrange cursos do ensino médio profissional até doutorado. Isso permite um alto valor agregado, pois um aluno do ensino médio profissional pode ter acesso à internacionalização, antecipando resultados e favorecendo o aperfeiçoamento no ensino superior.

Este trabalho tem como maior contribuição investigar como o processo de transferência do aluno argentino (oriundo de uma instituição de educação profissional) para o IFRN se alinha com as documentações institucionais. Além disso, analisamos como tem se dado o acompanhamento do aluno argentino para verificar a permanência e o êxito no curso (objetivos principais de qualquer instituição de ensino), considerando a complexidade inerente a mudança de País e com foco na interculturalidade.

As próximas seções deste trabalho estão organizadas como segue. A Seção II caracteriza o IFRN (*locus* das investigações neste trabalho), identificando normativos institucionais e pessoal vinculado ao processo de transferência de aluno estrangeiro tratado neste trabalho. A Seção III descreve o processo de transferência do aluno argentino para o IFRN, apresentando e justificando a metodologia utilizada, bem como identificando os participantes da pesquisa. A Seção IV apresenta das análises alcançadas no processo de transferência. Por fim, a Seção V conclui o trabalho e identifica direções de pesquisas futuras.

II. CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

O IFRN¹ é uma instituição de ensino formada por 21 campi no Estado do Rio Grande do Norte (um dos menos desenvolvidos do Brasil), com cerca de 2.000 professores, 1.800 técnicos-administrativos e mais de 40.000 alunos em cursos de diferentes níveis educacionais e envolvidos em atividades de ensino, pesquisa e extensão. O IFRN faz parte da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica do Brasil², que hoje está presente em mais de 500 municípios em todo o Brasil e abrangendo mais de 600 campi, beneficiando sobretudo alunos oriundos do interior dos Estados (ou seja, uma população em menores condições socioeconômicas).

Para maior compreensão do leitor, expomos a natureza do IFRN, definida no seu Projeto Político-Pedagógico (PPP) [3], especificamente em sua Organização Didática (OD), CAPÍTULO I, Art. 1º: “O INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE (IFRN), instituição criada nos termos da Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008, vinculado ao Ministério da Educação (MEC), possui natureza jurídica de autarquia, sendo detentor de autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar. §1º. O IFRN Grande do Norte é uma instituição de educação superior, básica e profissional, pluricurricular, multicâmpus e descentralizada, especializada na oferta de Educação Profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com sua prática pedagógica”.

¹ portal.ifrn.edu.br

Hoje, o IFRN está a cada dia amadurecendo seu fazer dentro do conceito de internacionalização, devido à consciência de ser um meio para preparar nossos alunos para vida e o mundo trabalho em um mercado globalizado com múltiplas ofertas de serviços, produtos, relações e idéias. Uma formação capaz de favorecer as pesquisas institucionais, as atividades de extensão e de ensino para propósitos agregados e complexos, garantindo a ampliação das fronteiras com segurança nas ações em casa e no exterior na consolidação de um mundo cada vez mais interdependente. Sendo um processo complexo, pode permear todos os aspectos de educação ou vários ao mesmo tempo como lista Hudzik [1]: desenvolvimento da professores, construção de currículo, diversidade estudantil, pesquisa e bolsa de estudos, treinamento e educação para fora da clientela, assistência ao desenvolvimento, serviços de apoio a estudantes e serviços de apoio acadêmico, desenvolvimento de recursos humanos, gestão financeira, gerenciamento de riscos, envolvimento cívico, dentre outros.

É nesse contexto que o Campus Canguaretama do IFRN (distante cerca de 70Km da capital do Estado e com aproximadamente 30.000 habitantes) e onde o aluno argentino está matriculado, tem se destacado no contexto da “internacionalização em casa”, a partir da inclusão da diversidade local. Um conjunto de ações efetivas, como ensino técnico baseado no Inglês como Meio de Instrução (do inglês, English as a Medium of Instruction – EMI), eventos interculturais envolvendo intercambistas estrangeiros, alunos e as comunidades indígena, quilombolas e movimentos de pessoas sem terra da região, tem fomentado pesquisas (como neste trabalho) relacionadas à interculturalidade. Tendo em vista que o aluno argentino traz consigo todo um arcabouço cultural e se insere em outra pluralidade cultural, o contato com essa diversidade local gera uma identidade em relação a outras instituições de ensino. A Fig. 1 a seguir mostra uma visão da estrutura atual do Campus Canguaretama, que abrange uma área de 106.796,92 m² e uma área construída de 8.701,65 m².



Fig. 1. Estrutura atual do Campus Canguaretama do IFRN (Crédito da foto: Professor Bruno Gomes de Araújo).

² <http://rededefederal.mec.gov.br/>

O Campus Canguaretama oferece diversos cursos em diferentes níveis e modalidades. No nível médio profissional, são ofertados os cursos Técnicos Integrados em Eletromecânica, Informática e Eventos, além de cursos Técnicos Subsequentes (para alunos que já possuem o Ensino Médio completo) em Mecânica. No nível superior, oferta-se o Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo e o Curso Superior de Licenciatura em Educação do Campo. Na pós-graduação, oferta-se o Curso de Pós-Graduação Lato Sensu - Especialização em Educação de Jovens e Adultos no Contexto da Diversidade. Ainda oferece, de acordo com a demanda, cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC) e cursos técnicos de Ensino a Distância (EaD).

Dessa forma, não podemos falar de “internacionalização em casa” no IFRN sem tratar dos aspectos da interculturalidade presentes nas análises deste trabalho. É preciso diferenciar a interculturalidade do multiculturalismo, que em linhas gerais, apresenta-se de igual modo plural, mas se refere às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais. No multiculturalismo, as ações são sempre inacabadas, pois o foco é administrar a multiplicidade de culturas e essas dentro de um mesmo lugar, podem se organizar em um projeto político que reconhece as diferenças e as respeita, e a aceitação de que as culturas coexistem, mas restringe as demais culturas às expressões da cultura ocidental [4]. Já o interculturalismo tem a pretensão de um diálogo entre as culturas que interagem, em um mesmo espaço ou não, para suspender barreiras entre os grupos culturais definidos historicamente, num plano de igualdade [5]. Para Panikkar [6]: “[...] O diálogo intercultural é um imperativo do nosso mundo. A interculturalidade surge da consciência da limitação de toda cultura, da relativização de tudo o que é humano; manifesta-se como um característica intrinsecamente humano e, portanto, também cultural”. Sendo assim, vivemos no multiculturalismo, mas diante da nossa experiência de internacionalização sentimos a necessidade de avançarmos a um plano mais abrangente (ou seja, do interculturalismo), pois responde melhor aos anseios da nossa diversidade.

Já dissemos anteriormente que a grande maioria de pesquisas, trabalhos e artigos que tratam da internacionalização [7-11] voltam-se para o ensino superior (especialmente pós-graduação). No entanto, advogamos que essas questões também façam parte das pesquisas no ensino médio profissional (senão antes até), tendo em vista que há um movimento bem evidente, por exemplo, no Campus Canguaretama do IFRN. Uma pesquisa recente [12] envolvendo três campi do IFRN revelou que alunos do ensino médio profissional do Campus Canguaretama perceberam a importância do ensino técnico baseado EMI na sua formação, e que outros alunos (dos cursos superiores, mas que não tiveram essa experiência) acreditam que um curso inteiro ou parte dele, se for baseado no EMI, pode ampliar suas oportunidades também no mercado internacional.

É fundamental destacar que nossos documentos institucionais já preveem essas possibilidades de

internacionalização no ensino, na pesquisa e na extensão, o que facilita o desenvolvimento de novas ações nesse sentido. Em nosso Projeto Político-Pedagógico (PPP), em seu documento base, garante a transferência como forma de ingresso: “No que se refere a requisitos e a formas de acesso, devem se considerar as seguintes possibilidades, representadas [...]); e b) transferência, para estudantes matriculados em cursos técnicos integrados regulares (com entrada a partir do segundo período)” [3]. E em se tratando da transferência do aluno argentino, a Organização Didática do IFRN define que para haver a efetivação do aluno que vem do exterior, no CAPÍTULO V DA MOBILIDADE DE ESTUDANTES, Art. 229, Inciso III, que: “[...] transferência de estudantes de instituições de ensino estrangeiras para o IFRN. Parágrafo único. Em todos os casos, deverá ser estabelecido termo de convênio do IFRN com a instituição de ensino com a qual ocorrerá a mobilidade de estudantes”. Dessa forma, entendemos que é prevista a transferência de alunos estrangeiros, mas existe uma burocracia que, na prática, dificulta a agilidade do processo, e é um de nossos pontos de análise.

A próxima seção apresenta a análise da experiência de internacionalização por meio da transferência do aluno argentino, considerando uma perspectiva do interculturalismo entre os indivíduos, favorecendo outras inserções similares e outras que a internacionalização pode trazer em seu bojo de possibilidades.

III. METODOLOGIA

Esta seção descreve a metodologia aplicada em nosso estudo sobre a transferência do aluno da escola técnica IPET 66, José Balseiro da região de Córdoba (Argentina) para um de nossos campus (Campus Canguaretama) no IFRN. Esse processo foi o primeiro que se tem registro, e essa experiência servirá para favorecer novas transferências que virão nesse processo de internacionalização que estamos desenvolvendo em nossa Instituição de Ensino que se propõe ir “[...] além da transmissão de conhecimentos e promover uma série de valores alinhados com o entendimento internacional, como a valorização das diferenças; a responsabilidade pessoal e a integridade; a responsabilidade mútua; o respeito, a compaixão e o serviço à comunidade; o respeito ao meio ambiente; e o idealismo e a ação pessoal” [13]. Para melhor apresentarmos essa situação, detalhamos nas próximas subseções as teorias que usamos de análise, os participantes da pesquisa no IFRN e as medidas usadas para adquirir melhores resultados para a inclusão plena do aluno argentino junto a outros alunos, servidores e setores administrativos do Campus Canguaretama do IFRN.

A. As teorias de análises

Usamos técnicas de Análise de Conteúdo (AC) para tratarmos dos resultados e a interpretação dos dados tanto quantitativos como qualitativos recolhidos nas entrevistas e nos textos, que são expressões que se repetem e inferem uma visão do que se observa. Como orienta a técnica, passamos por três

grandes etapas: (1) pré-análise, (2) exploração do material e por fim (3) tratamento dos resultados e interpretação, onde se categoriza os elementos por suas semelhanças e diferenças para nova categorização em função de características semelhantes [14]. Ao recorrermos ao uso da AC, usamos textos produzidos durante a pesquisa, as transcrições das entrevistas que realizamos e os documentos institucionais que não foram produzidos para a pesquisa, mas serviram de suporte para analisarmos tanto as ações institucionais durante o processo de transferência quanto as falas dos entrevistados [15].

Recorremos ao uso das entrevistas semiestruturadas, com questões abertas e fechadas, para o aluno argentino, os alunos da sua turma) e professores/Coordenador do Curso. A grande vantagem da entrevista semiestruturada é que essa técnica geralmente produz uma melhor amostra do tema em foco. Diferente dos questionários fechados enviados por e-mails ou entregues para serem recolhidos posteriormente, cuja devolutiva é muito baixa e as respostas, em sua maioria, muito simplistas, a entrevista tem respostas mais consistentes, uma vez que as pessoas são mais receptivas a falarem sobre determinados assuntos, diferentemente de escrever, cuja resistência é muito maior, o registro escrito sempre causa uma certa apreensão [16]. Na entrevista semiestruturada, a maioria das questões são uma diretriz, e não necessariamente precisam ser feitas seguindo uma sequência. Sendo a maioria dos entrevistados adolescentes (na condição de alunos) entendemos que ficariam mais à vontade, pois a técnica permite um clima de conversa menos formal. Mesmo seguindo um roteiro, pode-se fazer perguntas extras que elucidam melhor o tema em questão e ao responderem poderiam falar mais livremente. Isso permitiu um alcance maior de informações sobre a chegada do aluno argentino, bem como o próprio aluno transferido se sentiu mais livre para discorrer sobre sua experiência.

Nas entrevistas com os adolescentes, optamos por grupos focais cuja técnica de coleta de dados tem como objetivo principal incentivar os participantes a falarem sobre um assunto de conhecimento comum. Os participantes são escolhidos a partir das ideias, opiniões ou experiências vivenciadas em comum, que é nesse caso o interesse de nossa pesquisa. A técnica de grupos focais pode ser utilizada com um grupo de pessoas que já se conhecem, onde se faz em reuniões com um pequeno número de informantes. Na nossa situação, consideramos grupos de 4 a 5 alunos. Geralmente, conta com a presença de um moderador (nesse caso, nós que promovemos a pesquisa), que pode intervir sempre que se fez necessário para focar nos objetivos da pesquisa e aprofundar as questões postas. Destacamos que um ponto forte desse método de entrevista é que os participantes/alunos levam em consideração as falas dos outros participantes, para formular suas opiniões e também comentar sobre o que foi exposto [15].

É conveniente esclarecer que as análises partiram nas instâncias da Reitoria, órgão gestor de todo o IFRN. O processo de transferência do aluno argentino (matriculado no curso técnico de Eletrotécnica na sua instituição de origem), teve início na Reitoria do IFRN, onde transcorre a gestão inicial do

processo de transferência. Como citado em uma seção anterior, a Organização da Didática do IFRN prevê a transferência de alunos estrangeiros provenientes de instituições estrangeiras no Capítulo V da mobilidade de estudantes, Art. 229, da Organização da Didática, que prevê: “A mobilidade de estudantes poderá ser realizada por meio de: I. intercâmbio de estudantes do IFRN para outras instituições de ensino; II. intercâmbio de estudantes de outras instituições de ensino para o IFRN; ou III. **transferência de estudantes de instituições de ensino estrangeiras para o IFRN. Parágrafo único. Em todos os casos, deverá ser estabelecido termo de convênio do IFRN com a instituição de ensino com a qual ocorrerá a mobilidade de estudantes** (grifo nosso)”.

Um dos principais e maiores desafios nesse processo de transferência foi justamente estabelecer o convênio com a escola técnica de Córdoba (Argentina), que abrangeu um período de Março de 2016 até Julho do mesmo ano. Somente após esse convênio estabelecido, foi possível orientar a realização de exame de proficiência em Língua Portuguesa (portanto, diferente da língua nativa do aluno argentino), para após confirmada a aprovação seguir com o deferimento para os trâmites no Campus Canguaretama do IFRN. Em seguida, foi necessário realizar as adequações curriculares para que o aluno argentino pudesse, enfim, retomar seus estudos na área de Eletromecânica. Destaca-se ainda que, desde o início do processo, o Coordenador do Curso Técnico em Eletromecânica do Campus Canguaretama do IFRN estava acompanhando e sendo notificado de cada ação.

O aluno argentino estava morando no Distrito de Pipa e o campus do IFRN mais próximo é sediado no município de Canguaretama (distante cerca de 15Km). Além disso, o Curso Técnico Integrado em Eletromecânica foi escolhido por ser o curso mais próximo do curso de Eletrotécnica, em regime integral, que ele cursava na Escola Técnica IPET 66, José Balseiro da região Córdoba (Argentina).

B. Participantes da pesquisa

Além dos documentos que embasaram a transferência do aluno estrangeiro, a experiência e a interpretação qualitativa do processo envolveu diferentes grupos de servidores do IFRN. Na Reitoria, a professora Keila Cruz Moreira (Pró-Reitoria de Ensino do IFRN) articulou a análise pedagógica e legal inicial do processo, em conjunto junto o professor Marcelo Henrique Carneiro Camilo (Assessoria de Relações Internacionais do IFRN), que verificou a possibilidade e a efetivação do convênio entre as instituições (da Argentina com o IFRN) e o amparo pelos documentos do MERCOSUL. No Campus Canguaretama do IFRN, o professor Helber Wagner da Silva (Coordenação de Extensão) intermediou as articulações da Reitoria junto ao Coordenador de Curso Técnico em Eletromecânica.

Após esses procedimentos, foram conduzidas as entrevistas semiestruturadas, no Campus Canguaretama, com os professores que ensinaram ao aluno argentino, com o Coordenador do Curso Técnico em Eletromecânica e a Pedagoga que acolheu e motivou a análise curricular junto à

Coordenação do Curso e aos professores envolvidos diretamente nesse processo. Da turma de 30 alunos à qual pertence o aluno argentino, realizamos uma entrevista de grupo focal de com dois grupos de 5 alunos cada um levantando dados, informações, ações e as opiniões deles. Essa forma de abordagem permitiu a análise quantitativa e qualitativa, sendo apropriado ao *locus* de interesse (a adaptação do aluno argentino), onde se tratou das ações anteriores à chegada do aluno argentino, durante e após o semestre letivo Julho/Dezembro de 2017, quando o aluno argentino efetivamente estudou no Campus Canguaretama.

IV. ANÁLISES

Para obter uma compreensão completa sobre a transferência do aluno argentino, destacamos que esse processo trouxe muita apreensão na Reitoria do IFRN. Apesar dos documentos institucionais permitirem a transferência de alunos estrangeiros, do aluno ser de uma escola técnica, cursando o mesmo curso para o qual iria se matriculado no Brasil, existir desde o ano 2002 um Protocolo de Integração Educativa e de Reconhecimento de Certificados, Títulos e Estudos entre os Estados Partes do MERCOSUL, a República da Bolívia e a República do Chile que favorece as análises curriculares, esbarramos na cláusula do Capítulo V, Art. 229, da Organização da Didática do IFRN. Conforme descrito na seção anterior, é requerido um convênio entre as instituições envolvidas. Essa demanda trouxe um enorme esforço da Assessoria de Relações Internacionais do IFRN na intermediação e no convencimento para a realização do convênio, que, apesar dos investimentos, atrasou o processo em quatro meses, prejudicando consideravelmente a inserção do aluno no Campus de Canguaretama do IFRN.

Nenhuma das exigências da Organização Didática do IFRN trouxe tantas dificuldades quanto a questão do convênio. Para garantir a idoneidade no processo, o normativo ainda prescreve, na Seção III, que trata Da Transferência de Estudantes de Instituições Estrangeiras, em seu Art. 238, que: “Conceder-se-á matrícula ao estudante de instituições de ensino estrangeiras conveniadas que pretender ser diplomado pelo IFRN, na condição de estudante transferido. § 1º. A admissão submeter-se-á às seguintes condições: I. referentes ao IFRN: a) declarar existência de vaga, publicada em edital; b) realizar correlação de estudos entre as disciplinas cursadas e a matriz curricular do respectivo curso do IFRN; II. referentes ao candidato à vaga: a) estar regularmente matriculado na instituição de origem; b) declarar aceitação das normas didático-pedagógicas e socioeducativas do IFRN; c) cumprir, no mínimo, 50% da carga horária de disciplinas no curso do IFRN; d) realizar adaptações curriculares, quando necessárias; e e) demonstrar proficiência na língua portuguesa, aferida pelo próprio IFRN. § 2º. Os estudantes que forem aceitos terão os componentes curriculares cursados na instituição de origem aproveitados e inseridos em seu histórico acadêmico do IFRN, os quais deverão constar como Aproveitamento de Estudos”. Assim, existia a vaga, os componentes curriculares tinham

grande similaridade, visto que se tratavam de um mesmo curso, o aluno argentino demonstrou a proficiência na Língua Portuguesa, estava de acordo com as normas didático-pedagógicas e socioeducativas do IFRN, mas só foi possível realizar toda essa verificação após firmado o convênio. Esse processo de transferência do aluno estrangeiro nos fez repensar, do ponto de vista da Reitoria do IFRN, o quanto necessitamos de uma revisão dos documentos institucionais e, antes mesmo disso, mais conhecimento teórico sobre a internacionalização. Isso é um desafio para as crenças, sentimentos do nosso próprio lugar para um olhar além da burocracia com suas regras e regulamentos projetados muito mais para atender o nosso fazer doméstico e resistente do que para novas necessidades, como a internacionalização.

Uma vez pactuado o convênio e a aprovação na proficiência em Língua Portuguesa pelo aluno, passamos os encaminhamentos para a Diretoria Acadêmica do Campus Canguaretama, que abrange a Coordenação do Curso Técnico em Eletromecânica e a Equipe Técnico-Pedagógica, e para a Coordenação de Extensão do campus. Enquanto responsáveis pelo processo no âmbito da Reitoria do IFRN, fomos *in loco* ao Campus Canguaretama fazer conhecidos todos os procedimentos realizados previamente, remover dúvidas e sugerir, junto à equipe do campus, caminhos possíveis para minimizar as dificuldades do tempo que já havia sido vencido e as adaptações necessárias para um melhor sucesso do aluno argentino no seu curso técnico.

Após uma análise cuidadosa da Coordenação do Curso Técnico em Eletromecânica e da Equipe Técnico-Pedagógica no campus, sobretudo no que se refere aos currículos em questão (isto é, de Eletrotécnica da Escola Técnica IPET 66, José Balseiro, Córdoba-Argentina, de Eletromecânica do Campus Canguaretama do IFRN), além do Protocolo de Integração Educativa e de Reconhecimento de Certificados, Títulos e Estudos (válido para todos os Estados Partes do MERCOSUL, a República da Bolívia e a República do Chile), o aluno argentino foi matriculado com as devidas adaptações curriculares no 3º ano do Curso Técnico em Eletromecânica. Esse curso tem a duração total de 4 anos. O aluno argentino precisou cursar, no turno vespertino (isto é, no contraturno das disciplinas regulares), aquelas disciplinas que não foram cursadas em seu curso de origem, visando à adequação curricular. Destacamos que o aluno argentino teve todo o apoio da Assistência Estudantil, como direito a auxílio-transporte, fardamento escolar e alimentação necessária para que pudesse cumprir suas atividades estudantis, nas mesmas condições que os demais alunos brasileiros em situação semelhante de estudo. Infelizmente, em função de todos os trâmites, desde o início do processo até a matrícula, o aluno argentino iniciou suas atividades escolares apenas no segundo semestre letivo do ano 2017. Essa demora de cunho administrativo trouxe uma sobrecarga de estudo e interferiu na sua melhor adaptação, conforme relato de professores e colegas de turma.

Essas observações foram possíveis devido às entrevistas semiestruturadas realizadas *in loco*, no dia 08 de Fevereiro de

2018. Nas entrevistas com os professores, outros elementos não perguntados diretamente (devido maior aproximação e tranquilidade na relação entre pesquisadores e respondentes que esse tipo de entrevista possibilita) foram apresentados. A professora Keila Cruz Moreira e o Professor Marcelo Henrique Carneiro Camilo (ambos da Reitoria) foram os entrevistadores (moderadores) com todos os grupos de pesquisa. Um dos momentos da entrevista com professor de Biologia do aluno argentino está evidenciado na Fig. 2.



Fig. 2. Momento da entrevista semiestruturada com professor do aluno argentino, no Campus Canguaretama.

As análises são descritas em três partes. Primeiro, destacamos as entrevistas com professores do aluno e Coordenador do Curso. Em seguida, analisamos a perspectiva com os colegas da turma do aluno argentino. Por fim, consideramos a resposta do próprio aluno argentino para nossas análises.

A. Entrevista com professores

As perguntas norteadoras da entrevista, oferecidas para os professores e ao Coordenador do Curso, todas relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem do aluno argentino, estão descritas a seguir:

1. Como tem sido o trabalho com um aluno estrangeiro?
2. Quais são as principais adaptações necessárias?
3. Quais são as vantagens em tê-lo em sala de aula?
4. Que outras considerações você tem a nos relatar?

Seguindo a técnica de Análise de Conteúdo, chegamos a conclusões relevantes. Em comum, todos os 5 professores entrevistados (sendo 2 da disciplina de Biologia, um de Língua Inglesa, um de Sociologia e um de Resistência dos Materiais) relataram que não tiveram grandes dificuldades em trabalhar o conteúdo de suas disciplinas com o aluno argentino, e ainda destacaram o esforço do aluno em estudar, tirar dúvidas e interagir. Além disso, todos indicaram que inicialmente as diferenças entre as línguas (no caso, as Línguas Portuguesa e Espanhola) foram um desafio a ser vencido, tanto pelo aluno argentino quanto pelos colegas de turma e professores

(brasileiros), que passaram a falar mais pausadamente para se fazerem compreendidos. No entanto, esse período não foi longo. Uma outra adaptação que se mostrou mais presente foi o atendimento mais direto nos momentos de avaliação individual, na qual o aluno argentino precisava de uma leitura mais demorada das questões para compreender o que era solicitado. Os professores mencionaram que os trabalhos em grupos na sala de aula, que já é um recurso utilizado, também favoreceram a inserção do aluno e o melhor domínio das línguas, tanto para o aluno argentino, como para os colegas da turma, favorecendo assim a internacionalização de todos esses indivíduos. A maioria dos professores entrevistados indicaram que a experiência com um aluno estrangeiro trouxe benefícios, como estimular a solidariedade entre os alunos, o olhar mais cuidadoso para a necessidade do outro, a vontade de conhecer outras culturas e fazer um curso de uma outra língua. Este último aspecto foi mencionado por vários professores espontaneamente, mas naturalmente o professor de Língua Inglesa demonstrou um grande entusiasmo ao identificar a turma mais interessada no aprender uma língua estrangeira, inclusive vislumbrando a possibilidade de ampliar as ofertas no estudo de línguas estrangeiras também para atender à comunidade em que o aluno argentino mora (no caso, Distrito de Pipa) que já é uma região amplamente internacionalizada, com vários empresários e visitantes de muitos países da América do Sul e Europa, principalmente.

O Coordenador do Curso Técnico em Eletromecânica fez uníssono com os demais colegas. Sendo professor de disciplinas na área técnica do curso, ressaltou o quanto o aluno tinha conhecimento na área de estudo, facilidade em compreender as demandas técnicas apresentadas e que a maior dificuldade inicial tinha sido mesmo a língua. Informou que fez toda uma preparação com a turma informando da chegada do aluno argentino e do quanto ele precisaria de apoio. Disse ainda que a professora de Língua Portuguesa apresentou, aos alunos brasileiros da turma, cidade de Córdoba (Argentina) onde o aluno transferido foi nascido e criado, mostrando ainda alguns aspectos da cultura e da Língua Espanhola. O Coordenador do Curso acredita que, se o aluno argentino tivesse sido matriculado no início do ano letivo (Fevereiro de 2017), a adaptação teria sido muito mais rápida e tranquila. No entanto, mesmo assim ele conclui que houve uma boa adaptação acadêmica, linguística, cultural e social de todos que estavam envolvidos.

Ao analisarmos essas falas de professores e Coordenador do Curso, percebemos, como nos diz Panikkar [6], que “a perspectiva internacional, a abordagem humanista, a visão histórica e as atividades criativas multidisciplinares proporcionam um material rico e abrangente para educar cidadãos globais dotados de valores e competências interculturais para serem artesãos da paz e do desenvolvimento sustentável”. Além disso, as falas estão em sintonia com os princípios do IFRN, previstos em seu Projeto Político Pedagógico, que no seu texto base diz que: “Em se tratando de um direito reconhecido, a educação com qualidade socialmente

referenciada somente se torna possível e real quando perseguida no horizonte em que a formação integral – capaz de contribuir para a consolidação da cidadania almejada – se estabelece como direito social, direito de cidadania e direito do ser humano. Portanto, o Instituto deve promover uma formação pautada em uma visão humanística e ancorada nos seguintes princípios: a) justiça social, com igualdade, cidadania, ética, emancipação e sustentabilidade ambiental; [...] e) formação humana integral, com a produção, a socialização e a difusão do conhecimento científico, técnico-tecnológico, artístico-cultural e desportivo; f) inclusão social quanto às condições físicas, intelectuais, culturais e socioeconômicas dos sujeitos, respeitando-se sempre a diversidade; g) natureza pública, gratuita e laica da educação, sob a responsabilidade da União; h) educação como direito social e subjetivo; e i) democratização do acesso e garantia da permanência e da conclusão com sucesso, na perspectiva de uma educação de qualidade socialmente referenciada”. Esse fazer humanista, com competências interculturais, preconizado nos documentos institucionais do IFRN e nas pesquisas e movimentos da internacionalização foi o vivenciado nessa experiência de transferência de aluno estrangeiro.

B. Entrevista com grupos focais de alunos

No que se refere aos grupos de alunos entrevistados, os colegas de turma do aluno argentino foram ouvidos dentro de dois grupos focais distintos: um formado por 5 alunos e outro com 4 alunos, escolhidos aleatoriamente e ouvidos em momentos diferenciados para identificarmos as similaridades e diferenças nas falas. As perguntas norteadoras da entrevista semiestruturada aos alunos serviram apenas como direcionamento, não tendo sido apresentadas na sequência, mas sim na oportunidade surgida pela conversa com os grupos. Isso permitiu maior descontração dos grupos, a fim de colhermos o maior número de informações possíveis, e foi bem pertinente para o trabalho com adolescentes. As perguntas norteadoras foram as seguintes:

1. Como foi a chegada do aluno argentino em sala de aula? Vocês foram comunicados? Sentiram alguma preparação para recebê-lo?
2. Como é a rotina com ele? Houve alguma alteração? Vocês percebem alguma adaptação por parte de vocês, dos professores e dos setores da instituição?
3. Quais os pontos positivos e os que vocês consideram como dificuldades com a presença do aluno argentino em sala? E na Instituição?
4. Se fosse de outra nacionalidade, seria diferente?
5. Vocês têm alguma outra consideração a nos relatar?

Todos os grupos de alunos apresentaram falas muito próximas. Ambos mencionaram a preparação da turma para receber o aluno argentino, tanto pela Coordenação do Curso como pela professora de Língua Portuguesa (que apresentou a região de origem do aluno transferido). A preparação trouxe muita expectativa de várias naturezas. Os alunos do sexo

masculino só falavam da curiosidade de saber se o novo colega jogaria bem futebol como seu compatriota, o jogador Lionel Messi (em atividade profissional desde 2003 até os dias atuais). Segundo os grupos, essa expectativa não correspondeu, mas foi “compensada” pela disposição do aluno argentino em participar das atividades desportivas e dos encontros sociais no campus de uma maneira geral. Os grupos relataram ainda que a maior dificuldade foi a adaptação com a língua, e destacaram que a experiência os alertou para a percepção de como teriam uma maior dificuldade se fosse uma língua de outra origem (i.e., não latina). A maior adaptação sentida por eles e todos os demais no campus foi a vigilância em se falar mais devagar e pedir que o aluno argentino fizesse o mesmo para fluir melhor a comunicação. Afirmaram que não houve nenhuma alteração na rotina dentro do campus, só mesmo a questão das falas pausadas e uma maior atenção nas atividades avaliativas por parte dos professores.

Os grupos demonstraram grande euforia com a presença do aluno argentino na rotina estudantil/acadêmica da turma. Eles destacaram diversas vezes que ocorrem muitas trocas quanto aos aspectos culturais, sociais, cotidianas, além das curiosidades próprias da faixa etária, reafirmando a importância da interculturalidade no processo de internacionalização do IFRN. Afirmaram que aprenderam a ouvir mais e serem mais atentos às necessidades específicas do outro com essa experiência, e sentiram a necessidade de investir no estudo de uma língua estrangeira. Reclamaram, porém, pela demora para o aluno argentino chegar, pois sobrecarregou a quantidade de disciplinas que deveriam ser repostas, não só no conteúdo como na notificação dos bimestres anteriores. Os alunos sugeriram uma proposta para novas transferências de alunos estrangeiros (acreditamos que circulou entre os alunos da turma, pois os dois grupos mencionaram), que seria uma inserção mais profunda da turma no contexto geográfico e cultural de origem do aluno estrangeiro, inclusive com o estudo instrumental da língua do aluno estrangeiro para favorecer uma maior adaptação de todos, além de enriquecer o conhecimento de toda a turma. Eles também mencionaram que se responsabilizariam por fazer a mesma imersão para o aluno estrangeiro quanto às questões locais e nacionais. Com isso, observa-se que a experiência trouxe um nível de compreensão elevado sobre as potencialidades da internacionalização do IFRN.

C. Entrevista com o aluno argentino

Para o aluno argentino, as perguntas norteadoras na entrevista semiestruturada foram as seguintes:

1. Como você e sua família ficaram sabendo do IFRN para tentarem a matrícula no Brasil?
2. Quais foram as principais dificuldades encontradas para a matrícula na Instituição?
3. Como se deu a chegada no Campus Canguaretama?
4. Quais foram as maiores dificuldades após entrar em sala de aula?
5. O que considera positivo no campus?

6. E no Brasil, quais são as maiores dificuldades e os aspectos positivos?

A entrevista semiestruturada com o aluno argentino foi muito agradável, sendo conveniente destacar que os entrevistadores já o conheciam e também conheciam a sua responsável legal (mãe) desde o início do processo, na Reitoria. O aluno, sempre muito sorridente e solícito, relatou que soube da existência do Campus Canguaretama do IFRN por meio de uma professora de Língua Portuguesa do campus, que conheceu ocasionalmente na região para qual ele e sua mãe vieram residir (Distrito de Pipa). A mãe do aluno argentino havia comentado que procurava uma escola para o filho, e dadas as referências do filho/aluno, a professora logo orientou a ida ao IFRN, visto que o rapaz já fazia um curso profissionalizante e dentro da área de oferta do Campus Canguaretama. Somente no momento da entrevista com o aluno argentino entendemos o porquê da professora de Língua Portuguesa ter tido todo o cuidado junto à turma de destino do aluno, quando da sua inclusão.

O aluno argentino ressaltou as dificuldades em finalizar o processo de transferência e a burocracia que o impediu de imediato retomar seus estudos, mas que a maior dificuldade após iniciar as aulas foi a comunicação e as diferenças culturais. Ele afirmou que havia pouca coisa em comum entre eles, fato não mencionado pela turma, mas destacado por ele. Destacou ainda que a dificuldade inicial com a diferença na língua atrasou um pouco mais sua adaptação, mas ele reforça que o maior problema foi no início e que gostaria que os colegas tivessem chegado mais próximo, o que só ocorreu depois. Essa dificuldade não foi percebida nos grupos focais que afirmaram estarem perto do aluno argentino desde os primeiros momentos.

No que cabe ao IFRN, o aluno argentino identificou que houve um cuidado por parte dos professores e demais servidores da instituição em se comunicarem mais pausadamente e se esforçarem em entendê-lo também. Ressaltou que todos os professores (com uma única exceção) e os colegas se prontificavam em ajudá-lo a superar as dificuldades com o acúmulo de atividades acadêmicas, devido à transferência tardia. Além disso, relatou que, devido ao esforço em estudar, tem conseguido vencer as questões de desempenho acadêmico (notas) que ficaram pendentes do semestre anterior, e que acompanha bem os conteúdos, fato reforçado nas falas de seus professores. O aluno argentino encerra sua fala elogiando o acolhimento e a qualidade do curso e da instituição IFRN, pois não tinha conhecimento de uma escola com tantos recursos, professores (com uma única exceção) próximos, competentes e atenciosos, e uma assistência ao estudante que vai além da sala de aula. Por fim, disse-nos que “estudar aqui é melhor do que lá”, comparando as instituições de origem e o Campus Canguaretama do IFRN.

Pudemos perceber na fala do aluno argentino que precisamos melhorar no processo administrativo, que, reforçamos, envolve um estudo teórico mais aprofundado sobre os benefícios e os custos da internacionalização por parte dos servidores do IFRN. Aperfeiçoar a inclusão do aluno estrangeiro no âmbito da sala de aula, fortalecendo o olhar

sensível ao outro, seja ele estrangeiro ou não, para favorecer sempre mais sua aprendizagem, sua inserção e trânsito social dentro de uma formação integral, também é uma necessidade. Mesmo com essas demandas administrativas e burocráticas, foi possível constatar que o aluno argentino se manteve no curso, concluindo seu ano letivo e mesmo apresentada a demanda de uma nova transferência internacional, tendo em vista que sua mãe teria conseguido uma nova ocupação remunerada na Espanha, após abordarmos sobre a importância de seu filho concluir o curso em nossa instituição e sob quais condições poderíamos tentar mantê-lo mesmo sem a presença dela, em torno de um ano, mãe e filho decidiram por mantê-lo em seus estudos no Campus Canguaretama do IFRN para sua conclusão, mesmo com a ausência temporária da mãe. Para nós do IFRN, foi mais uma vitória garantir a conclusão do aluno argentino já adaptado e gostando de estudar em nossas terras brasileiras, aprendendo e ensinando ser um cidadão global no exercício da interculturalidade, assegurando assim a permanência e o êxito dos alunos.

V. CONCLUSÃO

A experiência vivenciada no processo de transferência de aluno estrangeiro (argentino) para o IFRN envolveu processos administrativos inéditos na instituição, tendo disso necessário realizar articulações com diferentes atores (professores, alunos e servidores administrativos), além da interlocução entre Assessorias de Relações Internacionais das instituições de ensino no Brasil e na Argentina. As pesquisas realizadas (notadamente avaliação do trâmite burocrático, percepção dos alunos brasileiros e do aluno argentino no que se refere à interculturalidade, análises dos pontos de vista de professores do aluno argentino) com base nesse processo (destacamos, inédito no IFRN) reforçam nossa defesa por uma educação “internacionalizada” também para a transferência de alunos estrangeiros.

Os resultados das entrevistas semiestruturadas junto aos atores envolvidos no processo revelaram fragilidades institucionais (processos muito burocráticos, currículos técnicos dissociados com currículos de outros países do MERCOSUL e conhecimento limitado pelos servidores das potencialidades da internacionalização). Porém, revelou-se também uma estrutura institucional capaz de favorecer (como identificado em várias falas) a preocupação em ouvir e se fazer ouvir em relação ao outro (brasileiro ou não) e o exercício da tolerância com as diferenças, valor muito renegado quando tratamos de coletivos numa sociedade capitalista de consumo. A experiência de transferência internacional, portanto, trouxe novos elementos que farão parte de um relatório que servirá para a revisão dos documentos institucionais, no intuito de agilizar o acesso, a permanência e o êxito de nosso aluno transferido advindo do exterior. Esse fazer humanista, com competências interculturais, preconizado nos documentos institucionais do IFRN e nas pesquisas e movimentos da internacionalização foi o vivenciado nessa experiência de transferência de aluno estrangeiro.

Os trabalhos futuros que resultarão dessa pesquisa incluirão: (i) revisar os documentos institucionais neste ano 2018 (processo já em andamento), fazendo constar uma perspectiva mais voltada para internacionalização e interculturalidade de modo a facilitar a inserção do aluno estrangeiro com segurança e maior celeridade no processo, e (ii) identificar demandas dos munícipes de Canguaretama visando a ofertar cursos de Formação Inicial e Continuada em diferentes idiomas, tanto para brasileiros quanto estrangeiros.

REFERÊNCIAS

- [1] J. Hudzik, "Comprehensive Internationalization: From Concept to Action", Washington DC, NAFSA, 2011.
- [2] J. Beelen, E. Jones, "Looking back at the 15 years of internationalization at home", *EAI Forum*, 2015.
- [3] IFRN/Instituto Federal do Rio Grande do Norte. "Projeto Político-Pedagógico do IFRN: uma construção coletiva". Disponível em: <<http://www.ifrn.edu.br/>>. Natal/RN: IFRN, 2012. Acesso em 27.fev.2018.
- [4] S. Hall. "A questão multicultural". In: Da diáspora. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- [5] R. Soriano. "Interculturalismo. Entre liberalismo y comunitarismo". Córdoba: Almuzara, 2004.
- [6] R. Panikkar. "Decálogo: cultura e interculturalidad. Cuadernos Interculturales", ano 4, n. 6, 2006.
- [7] S. Khoo, L. Taylor, V. Andreotti, "Ethical Internationalization, Neoliberal Restructuring and "Beating the Bounds" of Higher Education", *Assembling and Governing the Higher Education Institution*, Palgrave Macmillan UK, p. 85-110, 2016.
- [8] S. Mertkan, I. Gilanlioglu, S. McGrath, S. McGrath, "Internationalizing higher education: from grand plans to evolving responses", *Journal of Organizational Change Management*, vol. 29, n. 6, p. 889-902, 2016.
- [9] J. Knight, "Internationalization: A decade of changes and challenges," *International Higher Education*, vol. 50, 2015.
- [10] K. Soria, T. Jordan, "Internationalization at home alternatives to study abroad: Implications for students' development of global, international, and intercultural competencies." *Journal of Studies in International Education*, vol. 18, n. 3, pp 261-280, 2014.
- [11] N. Armstrong, L. Napaporn, "Internationalization of Higher Education: Case Studies of Thailand and Malaysia", *Scholar*, vol. 8, n. 1, p. 102, 2016.
- [12] H. Silva, M. Camilo, K. Moreira. "Improving Higher Education Internationalization through CLIL at the Secondary Level", In: 15th LACCEI International Multi-Conference for Engineering, Education and Technology (LACCEI), 2017.
- [13] F. Reimers, V. Chopra, C. Chung, J. Higdon, E. O'Donnel. "Empoderar crianças e jovens para a cidadania global: fundamentos e programa com atividades e referências, da educação infantil ao ensino médio". São Paulo, Editora Moderna, 2017.
- [14] L. Bardin. "Análise de conteúdo". Lisboa: Edições 70, 1977.
- [15] M. Bauer, G. Gaskell. "Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som". Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.
- [16] C. Selltitz et al. "Métodos de pesquisa nas relações sociais". Tradução de Maria Martha Hubner de Oliveira. 2a edição. São Paulo: EPU, 1987.